

Language, Mind and Cognition @LISBON

Uma pessoa tem corpo e alma? Os argumentos de Swinburne

Domingos Faria

Universidade de Lisboa

A pessoa é apenas o seu corpo ou consiste em duas partes (corpo e alma)? É com este problema filosófico que Richard Swinburne inicia o oitavo capítulo, designado “Body and Soul”, do seu livro *The Evolution of the Soul* (1997).

Para Swinburne o dualismo de substâncias é a resposta mais plausível ao problema inicial; ou seja, defende que as pessoas são constituídas por duas substâncias: o corpo (ao qual pertencem as propriedades físicas) e a alma (à qual pertencem as propriedades mentais).

Comumente estas duas substâncias estão interligadas, uma vez que é através do corpo que a alma recebe crenças verdadeiras sobre o mundo e que pode operar sobre o mundo. Mas, apesar de corpo e alma serem ambas partes de uma mesma pessoa, o corpo é uma parte contingente enquanto que a alma é uma parte essencial. Isto quer dizer que o corpo é separável da alma e esta pode (é logicamente possível) continuar a existir mesmo se o corpo for destruído. Portanto, a alma é a parte da pessoa que é necessária para a sua existência contínua.

A ideia central é a seguinte: a pessoa tem duas substâncias “corpo e alma” e pode continuar a existir sem corpo. Para defender esta ideia, Swinburne utiliza uma argumentação com duas etapas.

Primeira etapa argumentativa

O principal argumento da primeira etapa apoia-se no caso da divisão dos hemisférios do cérebro. Vamos, então, supor que temos uma “pessoa original” (P) e conseguimos retirar-lhe um hemisfério inteiro sem a matar. Por conseguinte, transportamos esse hemisfério para o crânio de um outro corpo vivo do qual o cérebro foi removido. Com esta operação surgirá

duas pessoas, ambas com memórias e carácter parecidos a (P). Porém, não podem ser ambas (P), uma vez que têm vidas mentais distintas. Portanto, a operação criará pelo menos uma nova pessoa, e apesar de podermos ter uma perspectiva sobre que pessoa é (P), podemos estar errados nesse juízo. Pode-se formular canonicamente este argumento (A) desta forma:

- (1) No caso de divisão dos hemisférios sabemos tudo o que aconteceu com as partes do corpo e cérebro de (P).
- (2) Mas, não sabemos ao certo o que aconteceu com (P); ou seja, não sabemos em qual das pessoas resultantes continua (P).
- (3) Logo, há outra coisa para a continuidade de (P) do que qualquer continuidade das suas partes do corpo ou do cérebro.

A premissa (2) pode ser melhor esclarecida com a história adaptada do cirurgião louco de Bernard Williams. Imaginemos que um cirurgião louco rapta uma “certa pessoa” (Q) e notifica-a que vai transportar o seu hemisfério esquerdo para um corpo e o seu hemisfério direito para outro corpo. Ele vai torturar uma das pessoas resultantes desta operação e vai libertar a outra com um presente de milhões de euros. Mas, antes desta operação, (Q) pode escolher que pessoa é torturada e qual é recompensada. Que escolha deve fazer (Q)? Parece razoável (Q) escolher que seja recompensada; no entanto, esta escolha será um risco, pois ela não sabe qual das pessoas será (apesar de conhecer tudo a nível material). Logo, a continuidade de (Q) não se identifica com a continuidade das suas partes do cérebro e do corpo. É preciso outra coisa (uma alma) para explicar a continuidade da pessoa.

Em suma, com o exemplo do cirurgião e com o argumento (A) mostra-se que ter um conhecimento completo do que acontece ao corpo de uma pessoa e às suas partes não nos dá conhecimento do que aconteceu à pessoa. Assim, as pessoas não são as mesmas que os seus corpos. Este argumento prova apenas que a continuidade de alguma parte cerebral ou corporal não é suficiente para a identidade pessoal, sendo preciso algo mais. Não é um argumento que refuta a ideia de alguma continuidade material ser uma condição necessária para a continuidade da pessoa. Mas, pode-se ir mais longe e argumentar que a continuidade do corpo ou do cérebro também não são necessários para a identidade pessoal. Um tal argumento (B) pode ser formulado deste modo:

- (4) Uma pessoa tem um corpo se existe um pedaço particular de matéria através do qual pode operar e aprender sobre o mundo.
- (5) Mesmo que uma pessoa descubra que agora não é capaz de operar sobre o mundo, nem de adquirir crenças verdadeiras sobre ele, ainda assim seria possível ter uma vida mental plena.

- (6) Logo, é logicamente possível e coerente que a pessoa possa continuar a existir sem corpo.

Este argumento parece sustentar que é consistente e logicamente possível que qualquer pessoa que tenha propriedades mentais pode continuar a tê-las mesmo sem continuidade corporal e mesmo não havendo de todo o elemento material. Para Swinburne, não é logicamente necessário que a pessoa tenha um corpo ou um cérebro feito de uma certa matéria para haver continuidade da pessoa. E isto nem sequer é necessário pelas leis da natureza, como se pode formalmente argumentar (C):

- (7) As leis da natureza não determinam que corpo pertence a uma determinada pessoa.
(8) A mesma disposição da matéria e as mesmas leis poderiam ter-me dado o corpo que agora é teu e a ti o corpo que agora é meu.
(9) Logo, nenhuma matéria da qual o meu corpo é atualmente feito é essencial para ser a pessoa que sou.

Segunda etapa argumentativa

A primeira etapa argumentativa mostrou que a continuação da matéria não é (logicamente) essencial para a continuação da existência da pessoa. Com isto parece refutar-se a explicação de Aristóteles para as substâncias, segundo a qual a continuação da matéria é necessária para a existência contínua de uma substância. No entanto, pode-se tentar reformular a explicação aristotélica de modo a aceitar a conclusão da etapa argumentativa anterior. Uma possível reformulação seria a seguinte:

- (*) Uma substância S_2 num tempo T_2 é a mesma substância que a anterior substância S_1 em T_1 apenas se S_2 é feita da mesma coisa que S_1 (ou obtida por substituição gradual).

Com isto pode-se avançar para o argumento (D) que tenta provar a existência da alma:

- (10) Dado (*) e tendo em conta as conclusões (3), (6) e (9), segue-se que a pessoa deve ter efetivamente uma alma (a qual possibilita a consciência e permite a continuidade da existência da pessoa).
(11) Não há possibilidade lógica que se a pessoa consistir apenas na matéria e a matéria é destruída, então deveria continuar a existir.
(12) Mas há possibilidade lógica da pessoa continuar a existir quando a matéria é destruída (como se mostrou na etapa argumentativa

anterior).

(13) Logo, há realmente uma alma.

Então, da mera possibilidade lógica da existência contínua da pessoa segue-se que há efetivamente algo mais para a pessoa do que o seu corpo; ou seja, há uma parte da pessoa, a sua alma, que permite a sua continuidade mesmo na ausência do corpo. Existem, portanto duas substâncias distintas: uma material e contingente (o corpo) e uma outra imaterial e essencial (a alma). Na conclusão final salienta-se que a identidade pessoal faz sentido se pensarmos a pessoa como corpo mais alma, de tal forma que a continuidade só da alma garante a continuidade da pessoa.

Análise crítica dos argumentos

Serão os argumentos de Swinburne plausíveis? Será que se conseguiu provar que a alma existe e que o dualismo de substâncias é a resposta mais satisfatória para o problema inicial?

Penso que a argumentação de Swinburne parte de algumas premissas bastante controversas e até mesmo falsas; assim, parece que não se pode aceitar a verdade da sua conclusão.

Tanto o argumento (A), como o exemplo do cirurgião louco, assumem um pressuposto seriamente questionável: no caso da divisão cerebral, a alma de (P) acompanha apenas um dos hemisférios do cérebro (apesar de não sabermos qual). Isto levanta vários problemas: Por que razão a alma só segue um dos hemisférios? Se a alma de (P) segue apenas um dos hemisférios, como surge a alma do outro hemisfério?

Poder-se-ia talvez responder que apenas um dos seres resultantes teria alma e seria apropriadamente pessoa, enquanto que o outro seria desprovido de consciência e de vida mental uma vez que não teria alma. Mas tal resposta parece insatisfatória, pois se ambos os hemisférios de (P) forem relativamente simétricos, então cada um dos seres resultantes (P_{R1}) e (P_{R2}) da divisão será psicologicamente contínuo com (P), tendo assim ambos consciência e memórias parecidas a (P). Portanto, não parece plausível afirmar que apenas um dos hemisférios teria consciência (alma) e o outro não, nem defender que (P) continua psicologicamente apenas num dos hemisférios.

No entanto, se (P_{R1}) e (P_{R2}) são psicologicamente contínuos a (P), podem eles ser a mesma pessoa, ou ter a mesma identidade, que (P)? Se tal fosse o caso, então (P) seria numericamente igual (seria uma e a mesma pessoa que) a (P_{R1}). Do mesmo modo, (P) seria numericamente igual a (P_{R2}). Ora, isto implicaria que (P_{R1}) seria numericamente igual a (P_{R2}). Mas, como (P_{R1}) e (P_{R2}) são numericamente distintos (apenas são quali-

tativamente iguais), então estes também não são numericamente iguais a (P); ou seja, as pessoas resultantes da divisão não são a mesma pessoa que (P). Quando há ramificação da continuidade psicológica deixa de haver identidade pessoal. Logo, parece que sabemos o que aconteceu a (P) – o que refuta a premissa (2) – sabemos que (P) não é a mesma pessoa que as pessoas resultantes da divisão e podemos, assim, prescindir da alma para explicar a identidade pessoal.

Porém, pode-se insistir que seria logicamente possível e coerente ter uma vida mental plena sem corpo, como defende o argumento (B). Mas, como é que tal seria possível? Não me parece que da premissa (5) se siga a conclusão; pois, mesmo que neste momento eu não fosse capaz de operar (ou não pudesse adquirir crença verdadeiras) sobre o mundo e apesar disso fosse possível ter vida mental plena, daqui não se segue que não tenha de todo algum elemento material que sustenta a minha vida mental. Aliás, o cirurgião louco podia transportar o meu cérebro para uma cuba mantendo-o vivo de modo a ter apenas uma vida mental plena. Na cuba não conseguiria operar nem ter crenças verdadeiras sobre o mundo, mas daí não se segue que não tenha um cérebro ou qualquer outro substrato material.

Tal como é impossível haver sorriso sem existir boca e lábios, também me parece impossível haver vida mental sem algum suporte material (como um cérebro), pois estes últimos elementos são idênticos ou são necessários para gerarem os primeiros. Isto parece ser corroborado por várias experiências empíricas que mostram que quando se ingere bastante álcool ou quando há alguma lesão cerebral específica isso afeta seriamente a vida mental. Igualmente em doenças como o alzheimer vemos que a vida mental vai degradando-se à medida que o cérebro vai degenerando até findar por completo. Portanto, parece impossível haver vida mental sem um corpo ou sem algum suporte material.

Ainda assim pode-se defender que o corpo de que atualmente sou feito não é essencial para ser a pessoa que sou, como advoga o argumento (C). No entanto, penso que o corpo e o cérebro de que atualmente sou feito são essenciais para eu ser a pessoa que sou; pois, se tivesse por exemplo outra disposição da matéria e assim conexões psicológicas diferentes – como o caso de ter o cérebro de um deficiente mental profundo – então já não seria a pessoa que sou (ao invés seria um ser com uma vida mental muito limitada e não poderia escrever este texto). Logo, o corpo parece relevante para ser quem sou. Parece que o corpo (e cérebro) que alguém tem determina a sua vida mental, bem como o seu carácter, emoções e personalidade.

O último argumento sustenta-se nas conclusões dos argumentos anteriores de forma a provar que a alma existe efetivamente. Mas, se os argumentos anteriores não forem sólidos (como me parece), então este argu-

mento também não será sólido. De qualquer forma, vale a pena sublinhar o esforço e mérito de Swinburne para tentar provar a existência da alma com argumentos puramente racionais, originais e desafiantes.